

Tecido Africano: símbolo, cores e um pouco de história

Guadalupe da Silva Vieira¹

¹Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Edila da Silva Schmidt

Av. Atalábio Taurino de Rezende, 1127-Rio dos Sinos – São Leopoldo – RS – Brasil.

lupisquetinha2010@gmail.com

***Abstract.** This Project has as main Idea reflecting as the multiple possibilities and knowledges embedded in the African fabrics patterns their connections with historical-cultural and linguistical aspects which may be incorporated in the classroom and contribute to education. Shared experiences are recorded described and analyzed. Interturning these views, I seek to understand and interpret the senses and meanings that the students give to the experiences they have gone through during this Project. All of these elements are intertwined and talk and tell us something about our country, our culture, our language, in short, our history.*

Keywords: African Fabric. African- Brazilian Culture. Poetic Creation

***Resumo.** Este projeto tem como ideia central refletir como as múltiplas possibilidades e conhecimentos embutidos nas padronagens dos tecidos africanos, suas conexões com os aspectos histórico-culturais e linguísticos podem ser incorporados em sala de aula e contribuir com a educação. Vivências compartilhadas são registradas, descritas e analisadas. Entrelaçando esses focos, busco interpretar e compreender os sentidos e os significados que esses alunos dão às experiências vividas durante o projeto. Todos esses elementos se entrelaçam e comunicam e nos comunica algo sobre nosso território, nossa cultura, nossa língua, enfim, nossa história.*

Palavras-chave: Tecido Africano – cultura afro-brasileira – criação poética

1. Introdução: Início de uma trajetória com visualidades na Arte Afro-Brasileira

Este projeto foi elaborado como um risco de bordado. Onde a cada ponto realizado as ideias, demandas e ações foram sendo definidas. Às vezes esses pontos pareciam desordenados. Em meio a este aparente emaranhado estava o desejo de despertar a consciência e valorização da cultura negra no nosso país através de alguns saberes artístico-culturais embutidos nas padronagens dos tecidos africanos.

Nesse contexto as atividades organizadas nasceram do desejo de colocar em prática a lei 10.639/03 e também de refletir sobre os processos criativos, que está inserida na cultura africana através das padronagens dos tecidos africanos.

Considerando estes aspectos, foram selecionados passos para o trabalho com o intuito de aguçar os olhares dos alunos, estimulando a formação crítica, levando a descreverem, refletirem e contextualizarem as imagens, estimulando o pensamento, a fala e o exercício da cidadania. Ficando assim definidos os passos:

1.1. Nas trilhas dos tecidos africanos

Com o jogo de trilha “Viagem pela África” iniciou-se o projeto **Tecido Africano: símbolo, cores e um pouco de história**.

Esta atividade proporcionou um contato prazeroso com a temática, sem abrir mão de informações acerca da história e da diversidade de paisagens e culturas que constituem o continente africano. As ilustrações foram exploradas, instigando os alunos a observá-las atentamente. Além de paisagens já conhecidas pelos alunos (como é o caso do deserto, das savanas, das pirâmides) procurou-se ilustrar o jogo com informações sobre os tipos de tecidos, sua importância e aspectos diversos da história desse continente, permitindo ao aluno reconhecer traços de identidade com o Brasil.

Com as diversas informações apresentadas acerca do continente, seus povos e culturas, pretendeu-se que os alunos tivessem a oportunidade de rever imagens cristalizadas pelos meios de comunicação de massa, em que muitas vezes o continente é reduzido a um conjunto de paisagens e povos exóticos, ou então é identificado exclusivamente como local de pobreza e subdesenvolvimento.

As questões favoreceram uma sistematização das informações apresentadas no jogo, tanto ao solicitar que os alunos relacionassem tais informações com seus conhecimentos prévios (o que já sabiam, onde ficaram sabendo) como ao propor uma organização de acordo com o tema tratado (países, animais, povos, riquezas e paisagens).

1.2. Tecendo os saberes

Algumas padronagens de tecidos africanos foram levadas para que os alunos pudessem manuseá-los, observando os detalhes descrevendo suas impressões. Estes tecidos e trajés vieram de alguns países da África: Nigéria, Senegal, Moçambique, Angola.

Nesta etapa, acompanhava o processo das crianças analisando os seus questionamentos. Fui fazendo perguntas para que percebessem os elementos formais da descrição: O que seus olhos percebem? Quais são as formas? Temos formas geométricas? Quais? Onde? Há linhas? Apresenta textura? Como são essas texturas: lisas, ásperas, macias? Qual textura parece ser mais suave ao toque? Que sensações/sentimentos lhes provocam? Para vocês, que tipo de música poderia estar tocando ao fundo? Os estudantes verbalizaram espontaneamente sensações, emoções, lembranças que afloraram com a visão das padronagens.

Neste instante, pretendeu-se provocar no educando o interesse pelo tema, como também propiciar ao grupo conhecimento e ou informações sobre o conteúdo que será trabalhado.

Sabe-se que a arte afro-brasileira é uma arte extremamente representativa, chama atenção pela sua forma e estética, os simples objetos de uso diário, como ornamentos e tecidos, expressam muita sensibilidade.

Os africanos e sua arte são muito antigos, anteriores aos gregos. Pela ausência de uma língua e até mesmo de um Estado comum, que estabelecesse um idioma e uma escrita unificadora, toda cultura, mitologia e conhecimento são passados através da arte.

Logo, a linguagem entre países africanos e a transferência cultural entre gerações se dava, muitas vezes através de sua arte, dos símbolos e seus significados. Estes eram gravados em cada uma das produções artísticas. E a arte africana, se torna uma forma de comunicação social subjetiva. A liberdade de expressão, fortemente presenciada na arte negra, influenciou diversas culturas, chegando a modificar a arte até então produzida.

Os padrões africanos tinham a função tanto simbólica quanto decorativa. Frequentemente, imagens humanas ou de animais eram representadas, sempre estilizadas, enfatizando algumas características com a repetição de formas geométricas.

A beleza e a diversidade das configurações geométricas dos tecidos kongo e dos apliques kubás abrem a porta dos sonhos e das estrelas. Na verdade, o que nos é proposto é um percurso de iniciação, que reúne os ritmos musicais com as sequências de cores através de um fio.

Triângulos, losangos, quadrados e formas entrelaçadas, aparecem repetidamente nos tecidos. Nota-se uma predominância da simetria. Os ornamentos tradicionais são: linha, ponto, linha quebrada, círculo, espiral, disco dentado, losango, triângulo, pirâmide.

A estrutura do ornamento é feita através de paralelismos, respeitando as leis de equilíbrio e movimento bem como a repetição rítmico-circular.

Na África, o batik, tecidos estampados, e as serigrafias resultam de pesquisas ligadas a mitos e lendas, símbolos do folclore nativo.

A estamparia vistosa reflete a imaginação do negro africano, que contribuiu muito para a formação do inconsciente coletivo brasileiro. Os símbolos e motivos foram incorporados ao cotidiano. A arte negra não é apenas uma representação estética, é também uma atividade criadora.

E é a partir dessas características de algumas formas africanas, procedentes das nações, cujas tribos vieram para o Brasil, que os padrões africanos foram selecionados para o desenvolvimento das atividades propostas nesta fase:

Distribuição, primeiramente do texto: **Tecidos Africanos** e em outro momento trabalhamos o texto: **Adinkra - um tecido repleto de simbologias**. Realizamos leituras silenciosas, orais, individuais e em grupo. Analisamos, refletimos, produzimos textos, respondemos questões.

Assim, percorremos a história dos tecidos africanos, com suas tramas, cores e texturas, que indicam papéis sociais, estampam mensagens, contam histórias, transmitem ideias e valores.

Paralelamente ao trabalho de leitura e exploração, as crianças se apoderaram destes novos conhecimentos para desenvolverem as atividades propostas nas outras áreas do conhecimento.

1.3. Ampliando horizontes: o ofício de fazer

Com base nos textos e no manuseio dos tecidos buscou-se no percurso desta etapa a viabilidade de refletir sobre alguns saberes artístico-culturais embutidos nos tecidos africanos.

Para expressarem-se através da Arte foram viabilizadas as seguintes atividades:

1.3.1. Destacando percepções

Várias fichas contendo algumas padronagens de tecidos africanos foram levadas para a sala de aula. Os alunos deveriam destacar na padronagem escolhida os tipos de linhas, as formas geométricas e as cores.

Aproveitamos o momento para falar sobre Arte Abstrata. Chegaram à conclusão que os desenhos dos tecidos representam características da arte abstrata.

Os alunos, através do desenho, procuraram de forma diversificada, retirar elementos destas padronagens.

1.3.2. Processos de criação

Esta ação ampliou o leque de possibilidades no momento da produção, que aconteceu a partir da proposta de desenharem e pintarem em um tecido de algodão (10 cm x 8 cm) a representação de suas padronagens com lápis de cor.

A cada cor e linha definidas foram traçando comentários em relação ao que estava sendo produzido levando-os a uma percepção mais aguçada dos detalhes, especialmente, a abstração geométrica e as diferentes proporções utilizadas.

Inspirados pelas cores, simbolismo, sons e história produzimos padronagens em estilo afro para sempre apresentados no **II Seminário “A Cor de Todos Nós”**. Desenvolveram os trabalhos artísticos em cima de interpretações refletindo, assim, um repertório imagético e cultural.

Desejando abarcar as mais diversas áreas do conhecimento, nos alinhando assim a uma perspectiva transdisciplinar da aprendizagem, que privilegia a produção de sentidos sobre determinados eixos temáticos pensamos em fazer um desfile para apresentarmos na Semana da Consciência Negra em nossa escola.

Pronunciar o mundo, ação que Freire destaca, e deixar-se conhecer e ser reconhecido é proporcionar-se enquanto pessoa, sujeito individual e cultural. E isso resulta no ato criativo das relações do homem com a realidade.

Para Barbosa, através do ato criativo é possível compreender nossas ações sobre esse mundo. Sendo o processo criativo “(...) condição básica para o indivíduo ultrapassar os tradicionais modos de conhecer e fazer” (2005, p.3).

Para Freire e Barbosa, a autonomia e o ato criativo são princípios básicos para a formação humana. Trabalhar pedagogicamente, numa perspectiva afro-brasileira, convida-nos a criar, a imaginar, a sair de um lugar e a nos aventurarmos na trilha das descobertas, da criatividade.

1.3.3. Continuando a conversa: libertando vozes

Neste encontro, os alunos, tiveram a oportunidade de refletirem sobre sua trajetória de estudo, os trabalhos de discussão, de pesquisas, do fazer artístico e da sua criação poética.

Assim, o processo se intensificou quando os alunos individualmente e ou em duplas, foram apresentando suas produções. Orientei-os anteriormente que utilizassem além das imagens, conceitos e opiniões que fizeram parte nesse processo.

Posso dizer que a realização desta proposta foi tranquila. Os alunos mostravam em primeiro plano a sua criação artística, os elementos que compunham a obra, as linhas. Em relação ao entendimento dos conteúdos abordados alguns alunos preparam sua apresentação através de trabalho escrito, os demais comentaram o que tinham aprendido utilizando-se de poucas palavras mostrando entendimento da proposta do trabalho. Sei que para muitos esta experiência realizou-se de forma nervosa, por terem que se expor. Mas para outros foi de forma tranquila.

A experiência do fazer e a consciência da ação geraram confiança. Para Freire, o que importa “não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando a coragem” (2004, p.45).

Junto com o entendimento das diferenças e da diversidade nas construções olhares houve uma nova visão de mundo sobre a trajetória da etnia negra, suas contribuições, suas marcas e inscrições e os desafios que se atualizam e os desafiam na prática da vida social. Tendo esta consciência adquiriram conhecimento e levaram esse conhecimento aos outros alunos de nossa escola e a nossa comunidade.

2. Resultados Obtidos

Este trabalho objetivou despertar a consciência e valorização da cultura negra no nosso país através de alguns saberes artístico-culturais embutidos nas padronagens dos tecidos africanos.

Atenta para as reflexões proporcionadas por e a partir de ações que se materializam nas narrativas, foi necessário discutir as falas dos participantes sobre suas próprias experiências e refletir sobre elas, pois, segundo Freire “a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um querer aprender [...]”. (2004, p.40).

As falas abaixo ressaltam o aprendizado:

“ _ Com este trabalho estou aprendendo e entendendo coisas que apesar de ser negra não sabia. Ninguém tinha me explicado até hoje. Sempre fui muito tímida, mas depois do início desse projeto comecei a me soltar mais. As pessoas começaram a conversar comigo, a me questionar sobre o preconceito e vários outros assuntos. Para mim está sendo ótimo, consegui evoluir muito. Depois dessa experiência, tenho certeza que vou encarar a situação sem medo.”

“ _ Sabe, professora no Canal Futura passa sempre coisas sobre os negros. Outro dia deu aquela história que a senhora contou, a Menina Bonita do Laço de Fita.”

“ _ Falei ‘pro’ meu pai que estamos aprendendo sobre os tecidos africanos e ele disse que isso era muito importante, porque quando ele estudou só se falava que eles eram escravos e apanhavam”.

“ _ Agora entendo melhor a cultura africana e que muitas coisas não seriam como são sem a influência africana”.

“_ Fiquei impressionada com a variedade de técnicas de estamparia por impressão e tinturaria.”

“_ Os tecidos africanos são importantes na vida africana, pois os desenhos não são feitos por fazer eles mostram valores.”

“_ Descobri que o negro tem bastante influência na cultura brasileira e que o preconceito racial tem que acabar, pois somos todos humanos e temos os mesmos direitos e deveres”.

“_ Pude ‘pegar’ nos tecidos vindos da África que a professora mostrou-nos e através deles pudemos conhecer a variedade cultural afro-brasileira”.

A partir destas falas percebe-se que o objetivo proposto foi atingido. O projeto Tecedo africano: símbolos, cores e um pouco de história permitiu a estudantes de todas as etnias, gêneros e grupos sociais usufruir as mesmas oportunidades, em igualdade de condições, visando à cidadania plena, respeitando a nossa africanidade e que puderam ser sentidos através do trabalho de conceitos chave da cultura africana, o saber, a coletividade, a transdisciplinaridade e a circularidade, entre outros.

3. Reflexões: uma história aberta

Como elemento provocador das falas, as imagens e produções nos tecidos impulsionam a reflexão em duas direções: primeiro, para o entrelaçamento de discursos com âmbitos diversos da experiência (individual, íntima, biográfica, afetiva, social e profissional) e segundo, para o conhecimento de posições particulares, configuradas pelo modo de pensar e sentir dos educandos/as sobre si mesmos e sobre suas experiências.

Surpresa, curiosidade e riso foram manifestações frequentes entre os educandos/as. As falas, durante e posteriormente a realização das atividades, deixam transparecer uma memória viva na qual o sentido das coisas é reconstruído.

Sentia-me instigada pelo pensamento de Morin quando explicita que “a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas”. (2000, p. 11) Imagens, emoções são os pontos de encontros de subjetividades, espaços onde estão alojados os sentidos pessoais e recordações.

As imagens que iam surgindo suscitaram lembranças e abriam espaço para diálogo. Assumindo uma posição de “estimuladoras do pensar”, as imagens proporcionaram um ponto de encontro de subjetividades, possibilitando um modo reflexivo de interação.

Compreendo que há uma beleza nesse encontro... Depois dos muitos dias que havíamos passado juntos na escola, revelaram partes de si a partir de uma atividade com imagens, de uma experiência que avivou suas memórias, seus sentimentos. As imagens também contribuíram, para “a criação de um relato do sujeito” (HERNÁNDEZ, 2004, p. 5).

Nos encontros iniciais observei que os alunos/as sabiam pouco uns dos outros e que as oportunidades para interação poderiam ser bem vindas. Além de aproximar-nos, estas oportunidades nos estimularam a refletir sobre a cultura afro-brasileira não como folclore ou clichê. As transformações ocorridas com o desenvolvimento do projeto sintetizam-se no respeito às diferenças.

Este trabalho agregou a problematização da lei a uma proposta pedagógica multicultural procurando exemplos de propostas pedagógicas da inserção da Arte afro-brasileira tendo como linha o ensino de arte, mais especificamente o de Artes Visuais.

Como principiante de bordadeira, que necessita de pequenos traçados para dar início a seu ofício, sou também aprendiz desta pesquisa. Aprendendo escolher melhor a linha, equilibrar as cores, posicionar a mão para que o ponto fique primoroso, ajustar o tipo de ponto ao tecido, assim também foi meu aprendizado na pesquisa. Na medida em que o bordado vai aparecendo, onde há harmonia nas cores, que está bem feito o ponto, que o arremate está bem dado nos dá o contentamento de notar que o era apenas um ensaio transforma-se agora, em realidade.

Por fim, percebi que imaginei apenas um elemento do bordado, mas que poderá unir-se a novas linhas, a novos traços, a novas cores e novas composições.

A lei 10.639/03 tornou obrigatório ensino da história e da cultura africana nas aulas de Artes. Sabemos que tão somente um documento não irá erradicar complexos de inferioridade e superioridade, discriminações, preconceitos e práticas racistas do cotidiano escolar. Mas a sensibilização para o tema étnico-racial que este projeto propõe, e uma série de ações conjugadas certamente contribuirão para o fortalecimento de uma educação antirracista e plural.

Vejo a possibilidade de trilhar caminhos, de riscar novos bordados e preencher pontos lembrando o bordado proposto no início deste artigo. Um bordado que conta histórias de vida, de costumes. Que se configura, realinha, se estabelece e se renova a cada momento.

Meus pensamentos estão diante dessas narrativas escritas e novos questionamentos se desenvolvem. Realçando novos bordados na trama do tecido simbolizando novos conhecimentos.

Referências

- Barbosa, Ana Mae Tavares Bastos. (Org.). *A Imagem no Ensino da Arte: Anos oitenta e novos tempos*, 6. Porto Alegre: Ed. São Paulo: Perspectiva, Fundação IOCHPE, 2005.
- Barbosa, Ana Mae Tavares Bastos. *Arte na Educação para todos*. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/vsa/download/anaisvcong.Pdf>> Acesso em 30 de agosto de 2008.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte* /Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 1997.
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC, junho 2005.
- Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- Gadotti, Moacir. Paulo Freire. *A Prática à Altura do Sonho*. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/gadotti_pt.htm> Acesso em 30 de agosto de 2007.

Hernández, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Morin, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.